

OS SIGNIFICADOS DA EXPERIÊNCIA ESCOLAR PARA JOVENS E ADULTOS EGRESSOS DA EDUCAÇÃO POPULAR

Sonia Maria Alves de Oliveira **Reis** – UNEB

Agência Financiadora: FAPESB

Essa investigação teve como fio condutor a pesquisa dos significados e sentidos atribuídos aos conhecimentos escolares pelos educandos jovens e adultos egressos de movimentos de educação popular, em continuidade ou não de estudos no ensino regular noturno. A pesquisa tem como finalidade analisar se há ou não *tensão* entre as práticas pedagógicas *emancipatórias* e *regulatórias* ao se “converter” a EJA, herdeira da tradição da educação popular, em educação escolarizada. Buscamos verificar ainda em que medida essa tensão seria percebida e responderia pela continuidade ou não dos estudos por parte desses sujeitos.

A pesquisa realizada no Projeto de Educação Popular - MEBIC¹ e numa escola da rede pública na cidade de Guanambi-BA, ocorreu através da observação e acompanhamento, durante dez meses, das atividades escolares de uma turma de EJA da rede municipal de ensino que recebe alunos egressos de Projetos de Educação Popular de Jovens e Adultos. Além do registro em diário de campo, realizamos entrevistas semi-estruturadas. A compreensão dos dados fundamenta-se nos pressupostos da abordagem qualitativa. No texto que desenvolvemos a seguir, a partir das entrevistas realizadas, buscamos discutir os motivos que levam o jovem e adulto a buscar a escolarização, a permanecer nela e/ou abandoná-la.

A interlocução com educadores, coordenadores e sujeitos que frequentaram a Educação Popular e, posteriormente, ingressaram no ensino regular noturno possibilitou-nos conhecer a história de vida escolar pregressa desses jovens e adultos, identificando fatos que contribuíram para a ruptura ou continuidade no processo de escolarização. Nesse contexto, indagamos: o que motiva os sujeitos jovens e adultos a re(inserção) à escola? Por que, após um período de permanência na escola, interrompem o processo de escolarização?

Segundo informação da coordenadora do MEBIC muitos jovens e adultos, sobretudo os mais jovens, buscam a (re)inserção na escola porque acreditam que a escolarização é um fator determinante para conseguir empregar-se ou melhorar suas condições nos seus empregos. Alguns se referem à vontade de se expressar melhor, de não depender dos outros para a realização de atividades que requer domínio da leitura e da escrita com fluência, outros sentem necessidade da titulação e certificação.

Como se pode perceber na fala de Rebeca², (45 anos), em uma das rodas de conversa que a educadora realizou na sala de aula, a educanda relatou que, quando se matriculou no MEBIC, embora devagar, já sabia ler. Contou-nos que tinha dificuldade para pronunciar algumas palavras, não entendia

¹ Movimento de Educação de Base de Iniciativa Católica-Guanambi-BA.

² Nome fictício para preservar a identidade da instituição escolar e seus sujeitos

acentuação e pontuação de um texto. Disse que aprendeu o nome dos sinais de pontuação e acentuação, assim como sua função; enfatizou: “Agora sei ler quando os encontro no texto”. Assim, compartilhou com o grupo que às vezes é difícil usá-los quando escreve, tem dúvidas, mas reconhece a sua importância e necessidade na escrita. Frisou que a educadora a incentivou a se matricular na escola do município para dar prosseguimento aos estudos, porém seu companheiro não permitiu. Ele alega que as aulas do Colégio do município terminam muito tarde. Além de afirmar que o que ela sabe é suficiente. Rebeca não se conforma, porque ela deseja e necessita de muito mais. (Caderno de Campo, 20/07/2008).

Constatamos que as experiências e o acesso que os jovens e adultos egressos do MEBIC tiveram na escola são diferentes da experiência dos jovens egressos do diurno. A grande tensão dos jovens é que quando crianças tiveram uma inserção precária na escola, portanto trazem para a EJA marcas de “fracasso, dificuldades, frustrações”. Por sua vez, para a maioria dos adultos o MEBIC foi a sua primeira experiência de escolarização.

Alguns jovens e adultos que interromperam o processo de escolarização relataram, nas entrevistas, que deixaram a escola pública porque, apesar de atender jovens e adultos das classes populares, ela não se tornou uma escola pública onde se realiza educação popular. Salientaram que a EJA deve ser reconfigurada tendo por base o perfil do jovem e do adulto que demanda escolaridade, bem como as suas necessidades de aprendizagem.

Segundo a educadora Sara, os educandos egressos do MEBIC que continuam os estudos na escola pública são aqueles que reconhecem suas capacidades cognitivas e as necessidades da escolarização, têm o sonho de concluir o ensino fundamental e o ensino médio. Com emoção Sr. João relata como foi seu processo de alfabetização no MEBIC e revela o que o motivou a dar continuidade aos estudos na escola pública noturna, foram as necessidades profissionais. Além de destacar a importância da acolhida da educadora que compreende suas necessárias ausências:

No MEBIC eu aprendi as primeiras letras. Foi juntando as letras, de duas, de três, de quatro que aprendi a escrever o meu nome e aprendi a ler e a escrever as palavras e os textos. Nessa época estava passando por dificuldade financeira, então faltava muito à escola porque trabalhava demais. Mas a professora era compreensiva, entendia as minhas faltas, quando retornava sempre era bem recebido. Se não fosse essa tolerância, essa paciência comigo eu não tinha aprendido nem o que eu sei hoje (...). Eu já desisti da escola e me arrependi muito porque se não for à base de esforço a gente não consegue ficar na escola (...). Eu não posso só estudar, tenho também que trabalhar, preciso das duas coisas. Eu necessito muito do estudo porque eu mexo com construção, com obras e os projetos cada dia estão modificando. Antigamente, os projetos eram mais simples que dava pra você entender sem estudo, hoje vem através de letras: A, B, C. Agora mesmo, eu estou com a planta de um prédio toda definida com letras. Se a gente não souber fazer a leitura dessas plantas os outros vão rompendo e a gente vai ficando atrás. É preciso estudar, correr atrás, lutar pra ir acompanhando as mudanças no trabalho, senão a profissão termina parando.

Fonseca (2005), arrola alguns dos principais motivos para o abandono escolar por parte desses jovens e adulto. Eles deixaram (e continuam a deixar) a escola para trabalhar; quando as condições de

acesso e segurança são precárias, os horários são incompatíveis com as responsabilidades que se viram obrigados a assumir, evadem por motivo intergeracionais, problemas familiares e também abandonam a escola por considerar que a formação escolar que recebem não acontece de forma significativa para eles. A esse respeito relata Gabriel (36 anos):

Quando eu tinha 16 anos eu sair da escola porque a professora me colocou pra ler em frente aos colegas. Ela mandava ensaiar as palavras todas e depois ler. Era o momento mais difícil pra mim, porque eu não sabia ler e tinha que ler! Aí, eu chegava lá na frente e começava gaguejar, tentava falar e não saía nada, e o pior que a professora dizia, vai pra seu canto, vai aprender mais, vai estudar mais. Então, na escola, na sala de aula, o que eu mais detestava era ir ler lá na frente, porque eu não sabia ler. Tentei lutar contra isso, mas não consegui superar, então o jeito foi abandonar a escola, mesmo contra a minha vontade. No MEBIC é diferente a professora sabe lidar com minhas dificuldades e os colegas respeitam o meu jeito de ler. Quando eu gaguejo eles não corrigem de imediato e nem sorriem de mim. A professora disse que eu estou lendo e escrevendo bem e me incentivou a continuar os estudos na escola, mas eu tenho medo de voltar pra escola, mesmo sendo outra escola, e acontecer tudo que aconteceu 20 anos atrás. (Caderno de Campo, 20/07/2008).

No ponto de vista de Gabriel, as tentativas de retornar à escola são marcadas pelas dificuldades em se manter no espaço escolar. Conforme evidencia Fonseca, essas dificuldades ocorrem também devido “o descrédito que o jovem e adulto tem na instituição que lhe deveria ensinar aquilo que ele não aprendeu, ou a mágoa por se ver discriminado por não ter correspondido às expectativas de desempenho que sobre ele se fizeram pesar, ou desânimo diante da ineficácia entediante das estratégias de ensino perpetradas enquanto ali permaneceu”. (FONSECA, 2005, p. 33).

Nessa direção Arroyo (2007) propõe que, ao direcionar nosso olhar sobre quem são os sujeitos que vêm demandando a educação de jovens e adultos comecemos por um balanço das trajetórias nas formas de viver – mal-viver dos jovens e adultos populares que retornam a escola. Segundo o autor, hoje, os sujeitos da EJA são demarcados pela concretude de suas histórias de vida, de seus trabalhos, de suas maneiras de sobreviver em um presente que é mais importante que o futuro. Nesse contexto, Arroyo salienta que educadores, educandos, pesquisadores e gestores devem buscar os caminhos que articulem a vida concreta dos sujeitos da EJA e suas especificidades, para a partir daí pensar e construir um currículo e uma escola que possam atender as suas necessidades.

Assim em nossa busca de entendimento sobre os motivos que levam o educando da Educação Popular a ingressar na escola e posteriormente a interromper os estudos, ao indagarmos sobre o que tinha para nos dizer sobre suas experiências escolares, observamos que sua relação com a escola é ambígua, marcada pela tensão e pelo desânimo, mas também pela sua valorização como espaço de sociabilidade e de crescimento pessoal. Segundo os relatos dos educandos adultos e idosos do MEBIC eles chegam à escola com disposições e hábitos diferentes que entram em conflito com o ambiente e a cultura escolar. Além disso, a rotina escolar, a burocracia, a organização e as condições de trabalho

pedagógico e docente na EJA impedem uma aproximação maior entre os jovens e adultos e os professores.

No conjunto das falas dos sujeitos jovens e adultos e nas situações que escolhemos narrar e tentar compreender, percebemos o quanto valores contraditórios e complexos surgem nos diversos momentos do fazer pedagógico da EJA, requerendo uma nova maneira do pensar e do fazer a Educação de Jovens e Adultos e de capacidade de diálogo para a superação da tendência do modelo tradicional de atendimento aos jovens e adultos, em que a EJA é identificada como reposição da escolaridade, tomando como espelho o ensino regular (HADDAD, 2007). Notadamente as necessidades de aprendizagem dos jovens e adultos deverão influenciar a organização do trabalho pedagógico na EJA, considerando flexibilidade nos tempos e espaços em que as práticas educativas se dão, assim como nos conteúdos e nas formas de avaliação.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel González. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, L.J.G.; GIOVANETTI, M.A.; GOMES, N.L. **Diálogos na educação de jovens e adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

_____. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **REVEJ@ - Revista de Educação de Jovens e Adultos**, on-line, v. 1, n. 0, agosto de 2007. Disponível em: <http://www.reveja.com.br/revista>.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. **Educação matemática de jovens e adultos: especificidades, desafios e contribuições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

HADDAD, Sérgio. **Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA**. São Paulo: Global, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2000.